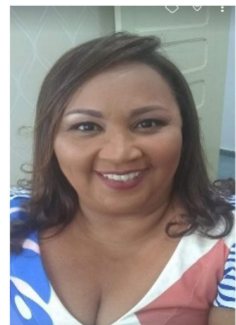


Capítulo 18

MINHAS MEMÓRIAS E SONHOS CONQUISTADOS

Maria das Graças de Souza Lima



Olhar para o passado deve ser apenas um meio de entender mais claramente o que e quem eles são para que possamos construir mais sabiamente o futuro.

Paulo Freire



Em uma tarde ensolarada de 08 de julho de 1964, chegava, com uma missão desafiadora, já de mudar o nome planejado pela minha avó, que era devota de Nossa Senhora da Batalha, mas meu pai escondido foi registrar Maria das Graças de Souza Lima, nona filha de uma família bem numerosa. Nascia ali um desejo de meus pais de incentivarem a me tornar uma professora.

Lembro-me claramente dos meus choros ao ver meus irmãos indo para a escola, como era a penúltima, ainda não tinha idade para ir à escola. E todos os dias era essa choradeira. Meu pai apesar de ter apenas o primeiro grau resolveu diminuir essa minha angústia e como já era de costume pegar o jornal barbearia, deu continuidade a essas buscas, mas agora objetivava me incentivar a ler aqueles símbolos, e eu muito curiosa aprendi logo a descobrir os segredos das letras e números.

Tinha uma aula particular, passando umas cinco casas da nossa, funcionava na casa da professora Graça e minha mãe me colocou lá pra eu desenvolver mais e chorar menos, a professora Graça percebeu logo minha desenvoltura e orientou minha mãe a conversar com a Professora Marilene, que era uma espécie de vice-diretora do Grupo Escolar Paulino de Brito, A idade era um impedimento, pois eu faria 07 anos em julho, então minha mãe disse a ela que eu já sabia ler e era muito espertinha, a professora aceitou que fizessem um teste comigo para avaliar as possibilidades.

Chegou o grande dia de ir para o teste classificatório, eu usava uns laços de fita de organza e muitos cachinhos. Chamaram-me e fui atendida por duas professoras, que colocaram um texto do Macaco Simão, li com a voz um pouco trêmula e depois fizeram as perguntas alusivas ao texto, e a primeira surpreendeu as professoras, pois elas perguntaram, qual o nome do macaco, e eu respondi, se fosse meu eu daria o nome a ele de Mico, mas a autora escolheu Simão, e eu não gosto. Elas riram e eu entendi que tinham gostado e ampliei a conversa com elas sobre alguns bichinhos que tinham em casa. Após esse teste resolveram me colocar na segunda série primária. A professora da segunda série também era Graça Oliveira, era muito pequenina, mas tinha uma voz bem forte, contudo era muito paciente e carinhosa conosco. Teve um episódio em classe que me fez chorar de soluçar, pois ela passou uma cruzadinha no quadro e ao copiar faltou um quadradinho e não achava a resposta, porque faltava uma letra. A professora Graça foi até minha carteira e acarinhou-me e corrigiu o número de quadrados e logo me acalmei.

Gostava muito de ir pra escola, amava estudar, quando chegava da escola eu não tirava nem o uniforme ia pro meu cantinho do chão reler as lições e fazer os deveres. Minha avó, aquela que queria que meu nome fosse Maria da Batalha, sempre fazia referência ao meu nome, dizendo tá vendo era pra ter sido Maria da Batalha seu nome, você é muito batalhadora. Eu dizia a ela que iria estudar muito, porque queria ser médica, ou advogada, ou professora.

Concluir logo o ensino primário e fui passando dos meus irmãos, mas as dificuldades financeiras eram muitas, com a chegada do meu irmão caçula, as dificuldades aumentaram.

Já no primeiro Grau, hoje correspondente a 5ª série, meus irmãos alguns já trabalhavam pra ajudar no sustento da família, minha irmã mais velha já fazia Escola Normal, no Instituto de Educação do Pará (IEP), esse curso era pra ser professora e eu achava muito bonito, mas esse seria o meu terceiro sonho. Quando concluir a 8ª série, eu fiz o teste de seleção para ingressar no Ensino Secundário, fui selecionada para o curso de saúde, em uma escola bem pertinho de casa, Escola Visconde de Souza Franco o sonho de ser médica se distanciava porque tentei o vestibular e minha classificação ficou muito distante. Tinha pressa em começar a trabalhar e ajudar nas despesas da casa e ajudar meu irmão a alcançar os sonhos dele.

A DESCOBERTA DO AMOR PELA EDUCAÇÃO

Estava bem em casa, e deveria ser umas 16 horas e minha irmã Maria de Nazaré, chegou e disse, que estavam precisando de estagiárias em uma Pré-escola, chamada Anchientinha e pagavam 6.500 cruzeiros. Essa vaga era para a minha irmã, pois ela ainda estava cursando o magistério, contudo o horário não era compatível. Rapidamente me arrumei e fui lá, só que a diretora estava muito ocupada, com os preparativos da festa de Páscoa, que seria no dia seguinte. Então ela falou rapidamente comigo e me mandou retornar, no dia seguinte, eu confirmei que retornaria e ajudaria na festinha, sem compromisso. Ela só confirmou com a cabeça.

A diretora não fez nenhuma pergunta sobre mim, estava nervosa, pois não era aluna do curso de magistério e já havia concluído o segundo grau, mas sabia que iria me identificar, pois já realizava um trabalho de evangelização com crianças na igreja e havia uma boa aceitação.

No dia seguinte me arrumei toda e fui muito cedo, 6h e 30, já estava lá, só perdi pra Dona Maria, que chegara antes, Dona Maria era uma senhorinha que cuidava da limpeza da escola. Quando vi várias orelhinhas misturadas e sem elástico, cuidei de separar por cor e tamanhos e ir colocando os elásticos, quando os professores começaram a chegar percebi a animação por encontrarem organizadas as orelhinhas e perguntaram quem eu era, me apresentei, sou a tia Gracinha, candidata a vaga de estagiária, a professora Nazaré do Carmo, me puxou logo pra sala dela e disse eu fui a primeira.

A medida que as crianças iam chegando eu imitava o que a professora Nazaré fazia, colocava a orelhinha e pintava o rostinho delas. Mas duas crianças eram bem agitadinhas, o R. M e A. J e um era bem grande, mas chorava muito,

queria ficar com a mãe. Com a autorização da professora os levei ao parquinho e cantei e brinquei com eles, retornando depois para a programação. Na hora da programação eu comecei a fazer umas brincadeiras e percebi uma positividade nas expressões das pessoas. No final da manhã a diretora me chamou na salinha dela e eu fiquei nervosa, mas ela simplesmente me entregou duas blusas, para usar como uniforme e disse a vaga é sua, pode ficar com a Tia Nazaré e serás auxiliar dela.

Cada dia nascia mais o desejo de ser professora, pois as experiências me atraíam mais a ler e estudar sobre educação, a diretora era estudante de Pedagogia e era uma incentivadora de leitura e estudos, lembro que os presentes sempre eram livros, ou pagava inscrições em cursos para os professores.

Era mês de abril, tratei de procurar um curso de magistério, a nível de segundo grau, e só achei no Colégio Rui Barbosa e a noite, me matriculei lá e concluir em dois anos, pois já tinha currículo.

No ano de 1983 assumi minha primeira turminha, como professora. Era uma turma de maternal, os alunos tinham 3 anos. Que desafio, a primeira semana de adaptação. Pois uns choravam muito, uns choravam pouco e outros passavam a chorar, quando viam os amiguinhos chorarem.

O primeiro desafio seria acalmá-los, fazê-los sentirem segurança em mim e gostarem de ficar na escola. Então cantava e contava histórias, brincava de igual pra igual com eles, colocava um gravadorzinho com musiquinhas de roda e dançava e quando percebemos estávamos gostando muito das manhãs e não queríamos ir embora. Uma memória bem significativa, foi um televisor de papelão que meu pai fez e ai entrávamos no televisor pra contar histórias, com fantoches. Esse televisor era a atração.

O segundo desafio com essa turminha era minimizar, ou quiçá erradicar as mordidas, ou os machucados, as crianças tinham algumas dificuldades de se comunicarem e de dividirem os objetos o que é muito comum da idade. As supervisoras e psicólogas me ajudaram muito, com dinâmicas e intervenções, assim como sugeriram leituras. Conheci autores, como Paulo Freire, ...

Durante o ano trouxeram a Belém a autora do Livro Casinha Feliz, Iracema Meireles, e a escola promoveu a participação dos professores, logo me identifiquei e fui para as turmas de Alfabetização.

Passei no concurso público para professores para a Prefeitura de Belém, em 1987 e nesse mesmo ano me chamaram no colégio Tenente Rêgo Barros, para substituir, uma professora de licença, e iniciei minha trajetória. Como professora de Alfabetização, logo em seguida assumi a coordenação. Já na Prefeitura de Belém assumi classe de Alfabetização de Jovens e Adultos. As duas experiências foram maravilhosas. De dia a descoberta, a curiosidade pelo mundo da leitura e escrita,

com as crianças e a noite o desejo de escavar o que tanto se falava e escrevia, os senhores, os jovens queriam muito essa descoberta. Sonhávamos juntos e realizávamos juntos.

Em 1996 tivemos o concurso para professores na esfera federal e me submeti e com a graça de Deus passei, nesse mesmo ano fui para um processo seletivo para a pós-graduação em Belo Horizonte, o famoso PREPES da PUC, e iniciei a fundamentação teórica com a Alfabetização, pois tinha a curiosidade de explicar como as crianças aprendem a ler e a escrever e lá no curso tive contato bem próximo, com autores renomados e respeitados, tais como Paulo Freire, Sônia Garrido, Regina Zibermam, e outros. Era uma delícia ouvir as experiências e suas produções.

E continuei com as produções nos demais espaços e e somente em 2020 ingressei no Mestrado em Ciências Ambientais.

Na coordenação, apoiei o Projeto da professora Maria Do Carmo e Adrine Motley, o Tal Pai, Tal Filho Show! Esse projeto nos possibilitou uma relação mais estreita com os pais e alunos, onde possibilitava que os pais dessem um show com seus filhos.

A educação sempre me fascinou e hoje com mais de 30 anos na área, ainda durmo e acordo sonhando em um novo fazer pedagógico, cada dia é um novo encantamento.